

ELSINORE

YORO

«Marina Perezagua
é uma entusiasmante nova voz,
uma das melhores na mais recente
geração de escritores espanhóis.»

Salman Rushdie

Tradução de
Cristina Rodriguez
e Artur Guerra

MARINA PEREZAGUA

Caro senhor:

As páginas que se seguem são a minha declaração e centram-se especialmente nas circunstâncias que me levaram a cometer os crimes pelos quais serei julgada, atos de que não me arrependo.

Isto não é uma confissão. Toda a confissão não é mais do que uma arma do poder que faz com que aquele que a escreve acabe por se denunciar. Não vou ser eu a denunciar-me. Como se verá, fiz tudo o que pude para resistir ao poder. Se me sujei, não foi em sua defesa. Este texto também não é uma justificação.

O que o senhor vai ler é o sinal que o ferro em brasa deixou na garupa de uma mula, o buraco erodido pela chuva na rocha, a inclinação da árvore provocada pelo vento persistente. Isto é, o senhor vai ler a resposta lógica de uma natureza sensível, a minha história. Uma história escrita por mim, mas movida pela fatalidade que outros urdiram a partir de cima.

À medida que for lendo, o senhor verá o retrato de algum dos seus colegas, de algum familiar ou de si mesmo. Se não gostar do que encontrar, pode quebrar o espelho ou queimar o que leu, mas não conseguirá livrar-se da infeção com que o intestino corrupto contamina rios, mares, úteros, campos. Também não poderá tirar-me a alegria que, finalmente, pude conhecer.

Chamo-me a mim mesma H, porque sempre me foi negada a voz, e um espanhol disse-me que na língua dele o *h* é uma letra muda. Usarei esta letra como sendo o meu nome, considerando

que é também o nome de muitos outros mudos que talvez encontrem aqui a sua voz.

Creio que, em breve, me encontrarão. Não oferecerei resistência, porque a minha resistência é este relato. Quem vier capturar-me verá o mesmo rio castanho que vejo agora, a partir deste refúgio africano que me permitiu escrever o meu testemunho durante os últimos dias. Talvez o meu captor esteja já tão perto que veja até o mesmo hipopótamo que, neste preciso momento, estou a ver, na mesma posição, com o mesmo pássaro em cima dele, deixando-se secar pelo sol como se não houvesse inferno.

Escrevi esta nota depois de contar toda a história que se segue. Estou muito cansada, e talvez a isso se deva o tom de frieza que encontrará nestas últimas palavras. Não o tome como algo pessoal. O amor sempre prevaleceu em mim. Amei e amo como se tivesse nascido para isso. Se o senhor ler bem, verá que, no fundo de todos os meus atos, está sempre esse amor. Julgue-me segundo a sua lei, mas considere este pedido como sendo o meu último desejo:

Quando também o senhor me tirar a voz, e se tiver a oportunidade de falar por mim, não mencione palavras de morte. Quando erguer a minha cabeça na sua mão, todo o mundo saberá que matei. Por isso, só lhe peço que, se lhe perguntarem, se lembre de que as últimas palavras de H foram estas:

«Deus sabe o quanto defendi a vida.»

H.

República Democrática do Congo

GRAVIDEZ ZERO: 1942

OS QUE TRAZEMOS A BOMBA DENTRO DE NÓS

A nossa frente, ardia a tenda principal do campo de refugiados. A lona ardia com a rapidez de uma pele sintética. Eu dava a mão à Yoro. Reparei que ela estava a tremer e que isso acontecia ao ritmo do fragor do incêndio. A tremura da Yoro parecia dar ao fogo algo que o seu som não tinha: matéria. A Yoro e as chamas eram as costas e o peito de um mesmo ser, duas partes indissociáveis, como o tambor e a sua pancada. Assim, através dela, eu sentia na minha mão o último estalido da alma de uma mesa, de um copo de latão, dos tubos metálicos que suportavam a tenda. Reparar na subtileza destes pormenores não implicava que eu não me importasse que pessoas e coisas estivessem a arder diante de nós, mas aprendi a conter o impulso de correr, de chorar, de tentar corrigir o que já não tem remédio, nas situações mais graves. Não queria pestanejar. Piscar os olhos em excesso é como hiperventilar. Manter o movimento das pestanas constante poupa oxigénio, energia, e ajudava a que as pernas não me falhassem. Pude, assim, manter-me de pé. Assim, mantive sempre o olhar. É claro que tinha medo. É claro que sentia compaixão. Mas controlava-me, não só porque, se caísse, outros viriam comer-me, mas também porque não queria que nenhum músculo meu se contraísse novamente, nem de raiva, nem de dor. Nem um músculo sequer. Assim lho prometi. Prometi ao Jim que nenhum músculo meu voltaria a contrair-se, nem de raiva, nem de dor. Deter-me nestes pensamentos, neste ver de longe um calor que estava tão perto de mim mesma como a minha pele, ajudou-me a cumprir a promessa. À minha maneira, procurei a tranquilidade

nesse fio da memória, que puxo quando preciso de recuperar uma vivência que me ajude a manter-me impassível. Encontrei-o. O fio. O fio que puxei foi a morte de Quang Duc, o monge que, com 76 anos, ateou fogo a si mesmo numa rua de Saigão, diante dos meus olhos e dos de muitos outros monges. Procurando a liberdade, queimou-se, imolou-se, e, estando em chamas, não alterou a sua posição meditativa com qualquer movimento, nem com o mais impercetível. Os outros monges, eu mesma, chorávamos, alguns com ele, sem tentarmos opor-nos ao seu desejo; outros pediam ajuda para salvar a vida do monge, também por ele, mas, ao mesmo tempo, contra ele, porque ele tinha de arder para pôr fim à perseguição, para conquistar a paz para os seus irmãos, e para todos os que, como eu, precisam de não pestanejar ao enfrentar um incêndio. Fui encontrando a serenidade. O calor das lonas em chamas afastava-me dali, daquele agora, e avivava o calor do monge que vi arder em Saigão; e assim, quanto mais ardia o campo de refugiados, mais eu, sem me mexer, fugia para o momento em que Quang Duc morria. Tal como a tremura da Yoro parecia dar corpo ao barulho das chamas, assim os gemidos daqueles que amavam o monge pareciam dar som ao seu silêncio, pois ele, que ardia vivo, não emitiu uma única palavra, nem um grito, nem um som que exprimisse uma queixa, uma dor, uma censura.

O incêndio foi o final de uma procura que começou há exatamente 55 anos, quando conheci o Jim. A história do Jim é a minha. Não que a sua história esteja vinculada à minha, não que, pelo facto de o amar, ele tenha influenciado a minha vida, mas porque, sem ele, eu não teria chegado a ser, pois entendo por *chegar a ser* aquele momento em que me atrevi a ver o que sempre tinha sido. Chegar a ver, chegar a ser, é isto que devo ao Jim. Disse adeus ao *eu* esfolado, ao *eu* sem o maior órgão do corpo — a pele —, ao *eu* que nem sequer reclama o seu direito ao único couro que nos

é dado de graça e, pouco a pouco, converti-me no *eu* que se lança à caça da presa que me tinham tirado dos dentes, o *eu* que é um leão que corre, salta, luta para recuperar a carne que lhe roubaram, a sua própria carne, não carne de zebra, ou de antílope, ou de outro leão, mas a sua. Fui uma leoa lançada à caça de si mesma. E apanhei-me. Com a minha carne, recheei a pele reencontrada. Converti-me, assim, no *eu* de hoje, completo, dourado, ameaçador. O Jim foi a primeira mão que viu e acariciou a pele sincera com que a minha mãe me deu à luz, aquela pele que me devolveu a proteção natural que me pertencia. Tão forte cheguei a ser, a ver-me, que hoje, mesmo quando estou nua, sou capaz de me sentir couraçada. Para trás ficou o tempo em que acordava a tentar meter-me na casca de outra, e ao fim do dia ia triste para a cama, com dores nas articulações. Como podiam não se me deformar os ossos, depois de tantas tentativas de me acoplar ao que se esperava de mim? Mas já não me dói nada. Graças ao Jim, deteve-se a deformação que os meus dedos sofreram tentando alcançar a fruta que tinha crescido para outros; graças ao Jim, também as minhas pernas começaram a endireitar-se quando deixei de transitar pelas curvas de paisagens que não me interessavam e, graças a ele, as minhas costas estão hoje, na minha velhice, muito mais direitas do que quando tinha 20 anos e carregava as expectativas dos outros.

Calculo que, consciente da importância do Jim desde o princípio, comecei a tomar algumas notas durante os anos em que estivemos juntos, e tudo o que fui escrevendo se acumulou naturalmente ao longo do tempo, sem porventura saber que estava a conservar o material que mais tarde, talvez hoje, me poderia servir para recompor a história que daria sentido ao incêndio. Assim, a partir destas notas, tentarei articular o relato desta longa viagem que, suspeito, está agora a chegar ao seu destino.

*

Antes de me conhecer, antes de reconhecer também o meu papel na vida dele, o Jim foi um dos soldados norte-americanos que viveram no Japão ocupado. Durante muito tempo, os dias foram passando para ele quase sem sentido, nos territórios para onde um oficial é destacado simplesmente para ocupar. As intervenções efetuadas para a recuperação do país foram mínimas, mas mínimo foi também qualquer tipo de mudança. Nada acontecia que enriquecesse a vida de um soldado, quer nas operações humanitárias — que, naquela altura, não tinham este nome —, quer no cadinho do mais estrito egoísmo individual ou nacional.

O Jim ainda não sabia que, naqueles meses, muito antes de nos termos visto pela primeira vez, se geraria a nossa união, exatamente quando, em maio de 1950, a base militar, confiou, à sua guarda, um bebé. O Jim contou-me que o bebé lhe chegara sem aviso prévio, que lhe fora atribuído como outra missão qualquer, do mesmo modo que antes lhe fora entregue a terra que tinha de ocupar. A princípio, sentiu uma certa rejeição, mas ainda não tinha passado um dia quando, do modo mais natural, se apercebeu de que aquele bebé de olhos rasgados colocava nos seus braços parte da reconciliação de que andava à procura há seis anos, desde o dia em que os japoneses decidiram degenerar o cativo a que estava submetido há vários anos e o embarcaram em Manila, juntamente com mais 1600 prisioneiros norte-americanos. Tudo o que aconteceu ao Jim no barco onde continuou a sua reclusão, e tudo o que tinha sofrido antes, se transformou em paz quando sentiu o pouco peso do bebé na primeira vez que pegou nele. Não lhe iria ser possível esquecer tanta dor, mas aquela menina, vítima dos Estados Unidos da América, foi o fruto no prato da balança que a equilibraria, ao repartir a carga da crueldade pelas duas partes.

O barco em que encerraram o Jim fora construído em Nagasaki, no ano de 1939, e o seu destino inicial era ser um cruzeiro de luxo para divertimento da população civil japonesa. O seu nome era

Oryoku Maru. Quando o barco passou a ser utilizado como prisão, acabou por ganhar a alcunha de *Cruzeiro da Morte*. O Jim não me contou muita coisa sobre a sua estadia a bordo, certamente por causa da dor que a recordação lhe causava, mas há poucos anos vieram à luz umas crónicas que o general MacArthur destruíra, sem saber que na gaveta do seu autor, George Weller, havia cópias em papel químico que o filho do cronista recuperou e entregou para publicação. Parte destas crónicas serviram-me para preencher as lacunas do testemunho do Jim.

Naquela viagem, o *Oryoku Maru* devia transportar também centenas de civis japoneses. Os prisioneiros americanos iriam nos porões. A viagem de barco para o Japão, que os prisioneiros pensavam que duraria cerca de dez dias, estendeu-se por sete semanas. O Jim disse-me que, se tivesse sabido antes o que viria a acontecer no decurso da viagem, ter-se-ia deixado trespassar pelas baionetas com que os soldados japoneses lhes indicavam o caminho para o barco. Se tal tivesse acontecido, se o Jim tivesse posto termo à própria vida, eu não teria sido mais do que uma mulher pusilânime, conformista, triste, uma morta aos 20 anos que espera o seu enterro durante mais 40, 60, 70 anos. Mas o Jim não imaginava o que o esperava e aguentou. Dos 1619 prisioneiros, apenas chegaram ao Japão cerca de 400 homens (não se conhecem os números exatos). Destes, 100 estavam em tão más condições que morreram antes de serem entregues às autoridades em terra, e outros tantos morreram nos campos de trabalho no Japão. Por isso, calcula-se que, dos iniciais 1619 prisioneiros, só cerca de 200 sobreviveram até à libertação, em agosto de 1945. O Jim, que tinha então 29 anos, foi um deles, coisa que ainda hoje agradeço todos os dias.

Conheci o Jim em Nova Iorque, no dia 27 de abril de 1960. A norte da cidade, em Tryon Park, há cinco claustros medievais que foram trazidos, pedra a pedra, de França. Os seus jardins eram

cuidados respeitando — então, como agora — a horticultura românica. Tinha sido o primeiro dia de céu limpo depois de semanas de chuvas e, seguindo o movimento do sol, fui passando de claustro em claustro. Com a mente vazia de pensamentos, procurando apenas aquecer-me, abandonara-me à simples pretensão de um girassol, quando ouvi alguém que dizia:

— Este sol fortalece os ossos. Vais precisar dele, se passares o inverno nesta cidade.

Ao voltar-me, vi o Jim sentado no chão com as costas coladas ao muro de pedra. Olhava para mim. Aquelas palavras eram-me, portanto, dirigidas. Aproximei-me e ele contou-me, como se continuássemos uma conversa anterior, que já os egípcios, segundo Heródoto, conheciam os benefícios que o sol proporcionava aos ossos, e atribuíam a esse fator o facto de os crânios dos seus mortos serem muito mais resistentes do que os das hostes persas inimigas, cujas caveiras se partiam com uma simples pancada de pedra. Isto sucedia porque os persas usavam turbantes que impediam que o astro-rei lhes fortalecesse as cabeças, ao passo que os egípcios cresciam sem se protegerem do sol. A seguir, disse-me o seu nome, sem me perguntar o meu, e, mudando de tema com elegante suavidade, aquele desconhecido deixou de me falar dos ossos dos persas e dos egípcios para me mostrar a variedade de pássaros e flores que havia naquele lugar. Espantou-me o facto de ele conhecer o nome de tantas espécies que para mim, até então, se resumiam a duas: animais e plantas.

Umhas horas depois, num café ali perto, o Jim contava-me com a mesma fluidez que, tal como eu, procurava algo. O contexto da procura tinha sido o mesmo, a Segunda Guerra Mundial; para ele, uma guerra perdida; para mim, uma guerra, em parte, ganha. A palavra-chave para ambos era *filha*, mas, enquanto para o Jim se tratava de uma filha desaparecida, para mim tratava-se de uma filha, ou de um filho, que nunca chegara a conceber. Quando saímos do café, senti a mão suave da sincronia, a amável

suspeita de que a proximidade das duas procuras poderia vir a ser a confluência de dois caminhos num só.

Encontrei a solução para o que procurava quase imediatamente depois de o ouvir contar a história do seu conflito. Naquele momento, não tive consciência disso, mas, com o passar do tempo, à medida que fui conhecendo o motivo da sua dor — a filha que, aos cinco anos, lhe fora arrebatada —, fui-me também apercebendo de que na procura, na apropriação daquela filha, também eu poderia encontrar a filha que não havia podido ter. Sempre que o Jim me falava dela, a vontade de a encontrar aumentava cada vez mais na minha cabeça, no meu coração e, mais visivelmente, nos meus seios, pois pude verificar que estes manifestam, especialmente através do seu aumento, que a recuperação da esperança produz o mesmo leite do que a gestação. Estreei os meus condutos lácteos com o líquido esbranquiçado que qualquer desejo gera, interrompido subitamente ao fim de umas semanas, talvez obedecendo às mensagens do meu cérebro, pois já imaginava que os nove meses que dura a gravidez normal se estenderiam por muito mais tempo.

O que eu não sabia era que aquela gravidez, a que alguns chamariam psicológica, iria marcar a rota de uma viagem que tinha começado no Japão e terminaria em África. De um lado, a cabeça veloz do espermatozoide: a bomba atômica de Hiroxima; do outro, a sua caudinha: um incêndio na República Democrática do Congo. Por um lado, os milhares de vítimas da primeira bomba atômica; pelo outro, as poucas perdas causadas por um incêndio, mas numa terra onde, todos os dias, as mortes individuais se amontoam umas sobre as outras, até alcançarem — pela fome, a escravatura, a doença — os números de um bombardeamento. E, entre os dois extremos, o Japão da guerra e a África de hoje, 70 anos de diferença unidos por esse espermatozoide-cometa que, para mim, começou com o genocídio nipónico num ponto concreto, e que agora me deixa, como se a sua trajetória me levasse entre as esquirolas da mesma bomba, nesta terra africana, com a visão

da vida que se estende pelo continente onde nasceu o primeiro homem, para também nele morrer vezes sem fim.

*

Uma vez, ouvi dizer a uma silvicultora que, nas florestas, as árvores não são seres individuais, mas um todo que se interliga no subsolo por meio de bolbos, fungos e raízes, através dos quais trocam entre si dióxido de carbono e azoto. O que uma árvore respira, sai pelos pulmões de outra árvore. A qualidade de vida e a longevidade de cada uma depende do resto. Da mesma forma que, antes, eu disse que a minha vida está enraizada na história do Jim, também a vida dele ficou marcada pela minha. O Jim e eu fomos — somos — parte do mesmo rizoma, árvores ligadas pelo cogumelo da primeira bomba atômica. Assim, cerca de sete meses depois de o Jim ter embarcado no *Oryoku Maru*, realizou-se o batismo da arma que nos semeou na mesma floresta e mudou a História, e que, pessoalmente, me afetou de um modo tão particular que ainda hoje tenho dificuldade em explicar o acontecimento com a distância com que o leio quando os historiadores o narram. As crônicas deles não me dizem nada, não me afetam. Não vejo a dor quando leio esse capítulo num livro de História, e não consigo compreender como alguém pode tentar explicar uma guerra sem causar dor, empatia, no leitor. Chamam a isso imparcialidade, mas também se pode mostrar dor com imparcialidade. Eu chamo-lhe desinteresse, que é o mesmo que parcialidade posta ao serviço dos vencedores. Ao seu serviço, senhor. Ainda só escrevi as primeiras páginas deste testemunho e já me estava a esquecer de que, em grande parte, lhe estou a escrever a si. Pois bem, deixe-me explicar-lhe porque não gosto dos livros de História, pois é de História que trata, em grande medida, este relato. Com certeza já ouviu alguma vez dizer a alguém, depois de ter sido testemunha direta de algum acontecimento histórico importante,

coisas como esta: «Acho que nasci para contar este momento aos outros». Dir-se-ia que a História, com letra grande, lhes deu uma missão na vida. Senhor, não é esse o meu caso. Eu não sobrevivi a Hiroxima para contar o que aconteceu. Eu sobrevivi a Hiroxima porque o meu dever era sobreviver, ser testemunha da minha própria existência, pois foi para isso que a minha mãe me trouxe ao mundo, para ver o que tenho à minha frente, uma bomba ou um rebanho de ovelhas que pastam pacificamente. É tão simples como isto e, no entanto, é algo que nem toda a gente pode dizer. As pessoas precisam de missões espetaculares. Alguém nasce numa aldeiazinha da Provença francesa que acha muito aborrecida. Que missão é essa que consiste em levantar-se e ver sempre as mesmas pedras? Então, decide estudar a Guerra Civil Espanhola. Faz umas viagens a Espanha, fala com os sobreviventes, salta-lhe uma lágrima ao ouvir algumas coisas demasiado desumanas para a sua alma de povo bondoso, lê alguns livros, ou digamos que lê imensos livros, e depois passa o resto da vida a escrever rios de tinta na perspectiva do lado que tiver escolhido. Já encontrou a sua tarefa. Documentar. Passar a palavra. Talvez seja este o desejo do historiador, sendo ele alguém que sente a necessidade de agir como um messias da informação. Isto está tudo muito bem, senhor, é necessário; mas vou dizer-lhe uma coisa: essa história não vale nada se não estiver escrita com um sentimento de dor universal. Uma guerra é muito mais do que dados, contagem de mortos, atrocidades. Uma guerra é uma ferida profunda na dignidade do ser humano, é uma tara, uma deformação congénita que indica um novo fracasso da humanidade. O historiador que não tenha vivido aquilo que narra, se quiser narrá-lo, terá de escrever com um sentimento de vergonha e compaixão. Eu, sim, poderia escrever um capítulo sobre Hiroxima, não por ter nascido lá, mas porque já antes sentira, apesar da minha pouca idade, essa falha humana que se infiltra no dia-a-dia até explodir em Hiroxima, no Vietname ou em qualquer enclave, que mais

não é do que um afluente do caudaloso rio da guerra. Insisto: uma árvore não é um ser individual. O que uma árvore respira, sai pelos pulmões de outra árvore. Enquanto o historiador não entender isto, as crianças, com razão, continuarão a odiar esta disciplina nas escolas e, o que é pior, continuarão a esquecê-la. Alheia a esse desinteresse do historiador que escreve a partir da biblioteca, tentarei dar a minha própria versão dos factos tal como os sofri, nas trincheiras, por assim dizer. Não poderei dizer-lhe, nem isso me interessa, se fui das que ganharam ou perderam a guerra. Mas sei, isso sim, que vivi a minha época na primeira pessoa, e isso dá-me vantagem em relação àqueles que, no final da sua vida, julgam que viveram a sua contemporaneidade só porque compravam o jornal ao domingo.

Dizia-lhe que, alguns meses depois de o Jim ter sido embarcado, se deu o batismo de algo que mudou a História. Foi no dia 6 de agosto de 1945. Aquela coisa tinha sido criada sem mãos capazes de empunhar armas, mas, naquele dia, destruiu mais de 200 mil pessoas e, embora também não tivesse boca, com um só sopro arrasou casas, árvores e fábricas. Embora a tivessem concebido sem calor humano, fundiu ferro e incinerou parques, cães e pássaros. Também não lhe tinham dado um sexo, mas puseram-lhe nome de menino, *Little Boy*, e, às 8h15 da manhã desse dia de céu limpo de agosto, aquele artefacto foi lançado sobre Hiroxima.

Little Boy, é este o nome da primeira bomba atômica. Porém, antes de nascer, antes do seu batismo, o *Little Boy* não era mais do que um hieróglifo nas cabeças dos diferentes países que rivalizavam em decifrá-lo. O seu poder acabou por ser tanto, e implicou uma mudança tão radical na minha identidade, que, durante muito tempo, a minha cabeça pensou na bomba como se ela, e não os homens que a criaram, tivesse vida. Imaginava, deste modo, a sua gestação, como sentiria ela as ondulações que a levavam e traziam de um cérebro para outro enquanto os cientistas procuravam concluí-la. Como se deixaria levar pela eletricidade dos que

competiam entre si, pelas correntes que a faziam deslizar pelos passadiços neuronais dos melhores físicos, fazendo do pensamento um fluxo que, pela sua vontade de se condensar numa nova criação, não se distinguia do fluxo reprodutor e sexual. Fantasiava amiúde com a visão das tomografias que mostrariam as secções iluminadas pelo êxito do cérebro que conseguira encontrar a fórmula, o que ganhara a corrida, o mais rápido: o de Robert Oppenheimer. E, assim, imaginava eu de que forma aquela lâmpada orgânica minúscula, como um pirilampo, ativara os circuitos do prazer no cérebro do físico satisfeito, da inteligência que emprenhou a América do Norte com o *Little Boy*, o seu filho (filha?) predileto, a bomba atômica que, naqueles tempos difíceis, defenderia os aliados e, o que é mais importante, lhes permitiria ganhar a guerra.

Esta personalização da bomba que fiz nos primeiros anos, por considerá-la parte da minha identidade, não era senão um produto da minha juventude, da minha imaturidade, e, com o passar do tempo, desloquei a responsabilidade para o seu verdadeiro protagonista: o homem, esse homem múltiplo que foi capaz de criar e de utilizar o mecanismo mais letal conhecido até hoje. Mas a minha história não pretende informar sobre este facto já conhecido, e as alusões a esse acontecimento não são senão uma forma de definir a paisagem onde se insere um facto pessoal: se me for permitido atrever-me a imaginar uma vítima beneficiada pela bomba, essa vítima sou eu. Perdi membros, pedacinhos de carne, familiares, e jamais alguém irá ressarcir-me dessas perdas, mas ganhei outras coisas porventura mais importantes. Assim, a minha vida balança entre o luto por aquilo que a bomba levou consigo e a celebração pela coisa mais maravilhosa que me concedeu.

*

Na manhã em que o *Little Boy* caiu, amanhecera como um dia normal. Era um daqueles dias claros e aprazíveis que nos fazem

pensar que a paz do lugar se estende a todo o planeta. Como todos os dias, milhares e milhares de mães em todo o mundo davam à luz os seus filhos, abrindo as pernas e sofrendo as dores com que as crianças iam abrindo caminho para o exterior. Porém, para o *Little Boy*, não se abriram quaisquer pernas, mas sim as portas do porão das armas de um B-29. E a dor provocada pela sua saída para o mundo também não foi sentida apenas por uma mãe, pois foi deixando à sua passagem um dano de uma ordem superior. Não feriu uma mulher, mas todos, homens e mulheres. Enquanto tantas outras mulheres se concentravam, naquele momento, nas contrações do parto, o bombardeiro preparava-se para a contração mais dolorosa: a dilaceração global.

O *Little Boy* foi parido, mas ele também pariu. Foi, ao mesmo tempo, parturiente e nascido, pois, nascendo, deu à luz o maior parto, aquela nuvem luminosa descomunal em forma de cogumelo. Para alguns, significou a destruição total; para outros, a paz; e, para todos, a luz. Uma luz tão potente que aqueles que o viram rebentar antes de tocar no chão não só perderam a visão, mas também os olhos. Muitos olhavam para cima quando ele caía, ele (não posso deixar de personalizar) via-os a todos, e ele foi a última coisa que eles viram. Luz. Por isso, quando o pai o libertou, desde a tinta cinzenta das equações até à fusão nuclear, estava a conceder ao mundo a luz eterna. Podia ter apresentado a fórmula dizendo: «Este é o meu filho, a luz do mundo». Mas nem ele, antes da explosão, conseguiu imaginar uma coisa assim. Antes de ser detonado, não se viu o seu resplendor, e só depois de Hiroxima se soube que, para a nossa raça, tinha acabado para sempre a escuridão. É verdade, Oppenheimer trouxe a promessa de luz mais radical. Foi o último messias, o deus maior da física teórica que compartilhou uma fórmula impossível de apagar, uma arma cuja existência não parou no *Little Boy*, nem na sua detonação, e inseminou o resto dos países com a rapidez do coito de um coelho, pois há hoje na terra mais de 20 mil bombas piores

do que a de Hiroxima. Alguns defendem que há muitas mais. De qualquer modo, no mínimo mais de 20 mil coelhinhos fodilhões e pirómanos que, se as nações se voltarem a enfurecer, provocarão um incêndio planetário que nos liquefará a todos na ejaculação de um mesmo sol. O senhor esqueça Hiroxima. A natureza do *Little Boy* continua a clonar-se em milhares de irmãos com pele de aço. Enquanto os seus criadores os mantiverem escondidos, viverão aletargados como o urso que hiberna, mas, se chegar a ordem para os despertarem, todo o calor de todos os verões entrará na toca, e todas as grutas, todas as casas, todas as bocas se abrirão negras como a porta que não resiste à temperatura do forno que alguém fechou. Hiroxima não será, então, mais do que uma penugem histórica. Esse momento ainda não chegou e, neste planeta que lhe parece imperturbável, eterno, o senhor lerá o meu testemunho como algo insólito. Também a mim me parece insólito, embora eu saiba que o mecanismo do mundo está a ser oleado para fazer de Hiroxima apenas um enredo sem importância no último recanto dessa casa sempre suja a que chamamos História.

*

Como a minha vida e os meus crimes são indissociáveis da história do Jim, permita-me voltar a ele que, a meu lado, foi mais uma vítima. Ele disse-me que o calor que sofriam nos porões do *Oryoku Maru* era insuportável, mas uma pessoa não consegue imaginar o calor com um adjetivo tão indeterminado, por isso acho que o senhor entenderá melhor se lhe disser os graus que vêm nas crônicas de George Weller, de acordo com as quais o calor nos porões deve ter alcançado cerca de 54 °C. Cinquenta e quatro graus centígrados. Demasiado e, no entanto, aproximadamente 3946 graus menos do que a temperatura que atingiu a terra na zona de impacto após a explosão da bomba atômica. A diferença entre as duas temperaturas é a diferença entre uma cozedura

lenta e uma calcinação súbita. As gargantas dos prisioneiros que viajavam nos porões do barco iam ficando cada vez mais secas. Não havia ventilação, porque os japoneses tinham tapado a maioria das escotilhas com anteparas. Os que tinham sido colocados ao fundo de cada compartimento foram os primeiros a começar a desmaiar. Só a pulsação estabelecia a diferença entre um preso desmaiado e um preso morto, pois o calor era tão intenso que os cadáveres não passavam pelo processo de arrefecimento da morte. Mas ninguém media a pulsação a ninguém. Quantos mais mortos houvesse, mais duraria o oxigénio. Conta Weller que todos tiraram a roupa para respirar pela pele o que não conseguiam respirar pelos pulmões. A presença de tantos homens amontoados fez com que a madeira do barco começasse a absorver a humidade, ressumando gotas compostas pelo suor dos prisioneiros. A sede começou a ser tão insuportável que os homens começaram a lamber na madeira essas pérolas de água feitas de suor coletivo. Quando o ar se tornou desumanamente escasso, os prisioneiros começaram a gritar, mas o senhor Wada, um japonês que fazia de comandante, ameaçou fechar totalmente as escotilhas. O Jim contou-me que, quando os aviadores norte-americanos passavam por eles para bombardear o barco, julgando que este só transportava japoneses, todos eles iam buscar às suas últimas forças a energia necessária para temerem mais um passo em direção à morte, uma morte ironicamente a cargo dos seus. Mas também houve esperança, pois, quando os aviadores os bombardeavam, as escotilhas moviam-se, oferecendo, por instantes, luz e ar. Houve ainda outra vantagem, segundo me contou o Jim: nos porões, os americanos, que, na sua maioria, já deliravam e tinham enlouquecido, abriam a boca para beber o sangue dos japoneses feridos no convés, que se infiltrava e caía, pensando que era água — ou talvez sabendo o que era. Seja como for, qualquer líquido que viesse do exterior os refrescava.

As crónicas falam de outros atos causados pelo enlouquecimento progressivo sofrido pelos presos devido à feroz desidratação

e à falta de ar. Deste modo, contam que os japoneses aceitaram mandar para o porão alguns baldes para que os prisioneiros deitassem neles os excrementos. Mas, quando o corpo não funciona, a mente muda os seus mecanismos de forma arbitrária, e aquilo que antes teria sido motivo de espanto tornava-se agora motivo de brincadeira, pois um grupo de homens entreteve-se a fazer com que os baldes de excrementos e os baldes de comida se confundissem, visto que eram parecidos, de tal modo que já ninguém sabia se estava a pegar em comida ou nos últimos depósitos de um colega, ou nas duas coisas ao mesmo tempo.

Naquela altura, o Jim não podia suspeitar que, 15 anos mais tarde, iria empreender a verdadeira viagem, e que o faria levado pela mão de alguém do mesmo país daqueles que o haviam torturado. A minha mão, em cujo sangue não havia qualquer assomo de mistura que descontaminasse, para ele, a minha radical ascendência nipónica. O bebé cuja guarda lhe havia sido confiada, tão japonês como eu, tinha selado a reconciliação definitiva, mas penso que a máquina do perdão já tinha sido posta em marcha um pouco antes, quando o Jim teve de caminhar entre milhares de pessoas, de crianças sem casa, que vaguearam durante muito tempo pelos espaços dos seus antigos quartos, carregados com baldes para onde iam deitando qualquer coisa que se assemelhasse à recordação de um ser querido. O Jim dizia que eles, no fundo, apanhavam tudo o que não fosse pó. Julgo que compreendeu que, enquanto sofria no *Oryoku Maru*, já estava em gestação a desgraça de todo o meu povo, a mais devastadora que o mundo alguma vez vira até àquele momento, e esse caminhar, meses mais tarde, pelas ruínas da cidade e dos corpos que os seus americanos haviam destruído, deu-lhe uma certa sensação de justiça que, imagino, o preparou para aceitar pacificamente, primeiro a sua filha e, depois, a mim. O Jim disse-me que nem mesmo os médicos da ocupação americana estavam ali para ajudar. A missão deles era,

unicamente, examinar, estudarem as consequências da radioatividade, não intervindo sequer nos estádios mais simples da reação, como os vômitos ou a diarreia infantil. Assim, algumas vítimas, como eu, continuavam a contribuir, sem o saber, para uma investigação ligada ao Projeto Manhattan.

A mim, a desventura da minha gente apanhou-me com um termómetro na boca. Com aquela febre, eu devia ter ficado em casa. Tinha apenas 13 anos e a minha obrigação era obedecer à minha mãe, que preferia não me levar à escola. Mas eu não queria perder o recreio com as minhas amigas, pois, no dia anterior, tínhamos deixado um jogo por acabar, e insisti de todas as formas possíveis. Eu ainda não sabia que, graças àquela desobediência, conseguiria impor-me, ao fim de alguns meses, como aquilo que sempre tinha querido ser; mas a ideia do jogo, do recreio, foi suficiente para me opor à minha mãe, de forma que, às oito em ponto, depois de uma hora de carro, eu já estava sentada na minha carteira. Nunca consegui recordar o que me aconteceu nos dias a seguir, mas a História dos vencedores, essa, sim, dá-nos dados precisos a partir dos quais posso reconstruir parte do que acontecia enquanto eu estava sentada na minha carteira, alheia ao que estava para cair, ou quando, segundos depois, eu jazia no chão inconsciente. Deste modo, sei o minuto exato em que William Sterling Parsons, capitão do *Enola Gay*, lançou a bomba e começou a seguir nos medidores os segundos que o artefacto demoraria a descer dos 9470 metros de altura a que voava o avião até aos 600 metros, o ponto em que fora predeterminada a detonação. Sei também que os tripulantes tinham previsto que a explosão ocorreria aos 42 segundos, e que, aos 43 segundos, ficaram nervosos. Acompanhavam com a máxima atenção a contagem dos medidores. Com três segundos de diferença, a experiência funcionou: no momento em que contaram 45 segundos, fui projetada para outra sala. Ao voltar a mim, olhei à minha volta e já não havia nada, nem ninguém, de pé, nem sequer havia paredes. A escola era toda ela um pátio,

um pátio sem jogos, aberto à cidade também aberta. Dos 152 alunos que naquele dia estavam na escola, soube depois que só eu saí a andar. Naquilo que tinha sido uma casa de banho, vi uma figura nua que se aproximava de mim. Pedia-me água. Assustei-me. Tinha a cabeça tão inchada que triplicava o seu tamanho. Só quando aquela figura disse o nome é que a reconheci como a minha professora. Desatei a correr.

Durante vários anos, preocupei-me em conhecer com exatidão os dados de tudo o que acontecia no ar enquanto nós, que estávamos em terra, enfrentávamos a quotidianidade de um dia normal. Conhecer os dados do lançamento da bomba atômica do avião dava-me a sensação de poder, assim, preencher os vazios da minha história. Fiz o mesmo para averiguar o que ocorreu durante o tempo em que estive inconsciente após a explosão. Isto foi o máximo a que pude aspirar durante muitos anos, a preencher as lacunas da minha mente com relatórios elaborados pelos que tinham sido responsáveis por essas lacunas, por centenas de milhares de mortos, por doentes que têm passado a sua enfermidade de geração em geração, até ao dia de hoje. O senhor está a ver como me agarrei a um prego em brasa? Este método de me reconstruir a partir daquilo que provocara o meu desmoronamento era triste, além de impossível, pois como poderia eu levantar-me com as mesmas ferramentas que tinham sido pensadas para me aniquilar? Mas era a única coisa que tinha, e agarrei-me a ela para cicatrizar parte da minha amnésia.

Após o lançamento, o *Enola Gay* iniciou a manobra de escape, dando uma volta de 155 graus para Noroeste. A tripulação pôs os óculos escuros enquanto esperava o impacto da onda expansiva, que os alcançou um minuto depois, quando já estavam a nove milhas de distância. Para mim, os dados foram muito menos precisos. Não sabia quanto tempo estivera inconsciente, nem quando saíra da escola. Lembrava-me de que os relógios que ia vendo estavam todos parados na mesma hora: 8h16. Mas não conseguia

perceber como encontrara o hospital. Talvez alguém que eu também não recordava me tivesse levado. As semanas seguintes, que passei amontoada com outros feridos, também são imprecisas. Mais tarde, soube-se que, naqueles primeiros dias, havia apenas um médico para cada três mil vítimas. Embora, na altura, não o soubesse, tinha queimaduras em 70% do corpo.

Alguns dias depois, os meus olhos colaram-se. Não conseguia abri-los. Pensei que tinha ficado cega. Não havia medicamentos, nem remédios para as dores, e estas eram atrozes. O único remédio que me davam era a mudança de posição. De vez em quando, alguém chegava e movia-me. Mas as dores eram tão intensas que, quando me viravam, eu não sabia se me punham de barriga para cima ou para baixo. Todo o corpo me ardia por todo o lado e nada podia aumentar a minha dor; por isso, o peito, o ventre, os joelhos, eram a mesma chapa ardente que as costas, as nádegas, a parte posterior das pernas. Sentia que havia perdido o meu relevo, que, empurradas pela dor, a minha parte da frente e a minha parte de trás se tinham juntado até fazerem de mim uma chapa plana de incandescência uniforme. Soube que começara a recuperar no primeiro dia em que senti a humidade da minha urina. Então, fui capaz de deduzir qual era a minha posição. Se a urina escorria para baixo, eu estava de barriga para cima. Se saía para fazer diretamente uma poça, estava de barriga para baixo. Quando me limparam os olhos, consegui abri-los e, quando a dor diminuiu o suficiente para me permitir fazer alguns movimentos, ergui a cabeça e vi-me toda em carne viva, descobrindo que, embora conservasse as formas em todas as minhas extremidades, havia uma massa disforme e irreconhecível que ia do meu baixo-ventre até às virilhas. O inchaço era tão grande que, apesar de, naquele momento, não poder ter a certeza, tudo parecia indicar que a sanha da bomba havia arremetido principalmente contra o meu sexo.

PRIMEIRO MÊS: 1960

O HOMEM E A SELVA

A medida que vou escrevendo, apercebo-me de que há pormenores que, certamente, o senhor considerará desnecessários para proferir a sua sentença. Mas não pense que isso, a sua sentença, é a única coisa com que me importo. Há coisas que quero escrever sem pensar em si, não sei se para as reviver ou porque, no fundo, bem lá no fundo dos meus desejos, gostaria que alguém alheio à vingança e próximo dos sentimentos profundos das pessoas me compreendesse. Estes pormenores pessoais fazem parte da minha defesa perante os homens, uma defesa válida, independentemente de qual seja a minha condenação. E há também o perdão. Esse perdão que o senhor não me vai conceder, mas que eu gostaria, pelo menos, de sonhar que outros me concederiam se me lessem.

Recordo-me da primeira vez que dormi com o Jim. Não nos conhecíamos o suficiente para passarmos toda a noite abraçados sem nos incomodarmos, mas, de qualquer modo, ele agarrou-se a mim, ou agarrou-me a ele, com aquela naturalidade que só se consegue com o tempo. Nunca antes eu tivera aquela sensação ao dormir com um homem praticamente desconhecido. Era como se, no seu sono, ele exigisse toda a minha presença, toda a minha atenção; mas, ao mesmo tempo, e como se estivesse consciente de que essa confiança só se alcança com o carinho, fazia-o de uma forma tão leve que, embora não deixasse que me separasse dele, nunca até então eu dormira com uma tal sensação de liberdade. Mais tarde, contou-me algo que associei a esta maneira que o Jim teve de se agarrar a mim desde a primeira noite. Disse-me que uma das manifestações de loucura dos prisioneiros, no *Oryoku*

Maru, era agarrarem-se a outro e tocarem-lhe na cara, no corpo, como cegos que tentassem distinguir, desesperados, um ser querido na escuridão. Foi também isto que li nas crônicas de George Weller sobre o barco. Havia tanta gente nos compartimentos que a maioria tinha de ir sentada com outra pessoa diante dela, encaixada entre as pernas, e essa pessoa, por sua vez, tinha outra também encaixada entre as pernas, pelo que o contacto excessivo provocado pela loucura dos que se obcecavam por se colar, por apalpar o companheiro, fez com que vários acabassem com a vida dos alienados. O Jim nunca me disse se foi um dos que exigiam esses contactos ou dos que tentavam sempre evitá-los; no entanto, fosse como fosse, quando eu soube tudo isto, compreendi a sua maneira de se agarrar a mim como uma forma de se agarrar à vida, ao que respira na negrura da noite.

A maior parte das coisas que o Jim me contou tinha acontecido depois da guerra. Contava aquelas coisas com distanciamento, não como se não o tivessem afetado, mas como alguém que no seu tom, no seu olhar, denota que esse distanciamento foi o resultado de uma luta de anos. No entanto, as poucas coisas que me contou sobre as suas vivências como prisioneiro dos japoneses, contou-mas metendo-se no interior, não só do seu sofrimento, como também do sofrimento de cada coisa que nomeava. Assim, quando descrevia como um companheiro coçava a cabeça por causa dos piolhos, não queria dizer-me só que esse companheiro não o deixava dormir, mas muitas coisas mais: queria dizer que aquele piolho, e não outro, também sofria enquanto tentava sobreviver às unhas dos soldados, e assim, com uma só frase, declarava o fratricídio mundial, a vibração de um violino que, nas suas cordas, transmite o massacre de onda em onda, da tripa de ovelha à tripa de gato, do dedo que toca a madeira ao tímpano que, ao acolher o som, replica, como um sino, a dor em cadeia.

As únicas referências que eu tinha sobre os campos de concentração eram os campos nazis. Mas, muitas vezes, ouvi o Jim

dizer que os campos de concentração japoneses eram muito superiores, tanto na sua perversidade, como na total indiferença a que eram votados, pois até então quase todos davam atenção exclusiva à dor judaica, o que tinha deixado as vítimas dos japoneses na pior dor que a paz pode infligir: o esquecimento. Doía o silenciamento, não da parte do inimigo, mas da parte dos próprios aliados. Recordo que, muitos anos depois, pensei em tudo isto ao ler uma placa que havia por cima dos fornos crematórios de Ebensee, um dos campos de concentração próximos de Mauthausen, na Áustria. Nessa placa, estavam gravados uns versos em alemão, de Peter Rosegger, que anotei num dos meus cadernos. Rosegger, declarando-se amante do calor e da luz, pedia para ser incinerado e, assim, libertado do verme que na terra penetra no corpo:

*Que nenhum verme nojento
Rasteje um dia sobre meu corpo!
Que o meu mais puro eu se consuma
Pois sempre amei o calor e a luz
Queimem-me, e não me enterrem.*

Assim, o que o poeta austríaco escrevera a partir do seu amor à vida, ao calor e à luz tinha sido utilizado para produzir um embelezamento do horror. Aquela placa seria lida por muitos olhos antes de lançarem os cadáveres para dentro dos fornos, e não importava que fosse lida por alemães, judeus, homossexuais ou por quem quer que fosse, porque o seu contexto só permitia uma leitura: os versos, ao estarem na primeira pessoa e pedirem a cremação, só podiam identificar-se com a voz dos que iam ser queimados, arrebatando-lhes assim, ironicamente, a última coisa que pode ser arrebatada a alguém: não a voz de um vivo, mas a voz de um morto, a quem se impunha o desejo de ser incinerado com a multidão anónima. Aqueles versos por cima dos fornos crematórios pareciam estar ali para a maior perversidade, para simular que

os judeus não só não temiam a morte ou a aceitavam, como a pediam e até a justificavam. O acaso quis, por sua vez e do mesmo modo, que fosse precisamente esta desventurada multidão anónima a silenciar involuntariamente, com o seu protagonismo não procurado, outra ignomínia: as atrocidades que, paralelamente, se cometiam no holocausto asiático.

*

No dia 31 de agosto de 1946, quase exatamente um ano depois do lançamento da primeira bomba atómica sobre a minha cidade, foi publicado no *The New Yorker* uma reportagem de John Hersey na qual o autor transmitia o relato de seis sobreviventes que falavam dos efeitos da bomba na cidade e nos corpos dos seus habitantes. Na altura, eu era demasiado nova e, além disso, nem sequer sabia ainda inglês; e assim foram passando os anos sem ler aquele texto, que li, finalmente, cerca de dez anos depois da sua publicação. A partir de então, comecei a interessar-me pelos testemunhos das vítimas, através de declarações de pessoas anónimas ou registadas em documentários. Desde modo, soube que uma imagem que eu antes utilizara com frequência, a dessas figuras irreconhecíveis que depois da bomba precisavam de dizer o nome para serem identificadas, não fora inventada por mim. As imagens mais concretas e poderosas, que julgava serem património meu, repetiam-se em testemunhos de pessoas diferentes. Naquele momento, dei a explicação que me pareceu mais lógica. Pensei que a causa de os próprios sobreviventes emprestarem uns aos outros as expressões mais eficazes podia ser o indescritível, criando assim uma língua do horror: a língua mais recente, aquela que se aprende de repente, aquela que não se transmite de pais para filhos, e sim de testemunha para testemunha. Nessa língua, «uma figura com a cabeça tão inchada que triplica o seu tamanho» só pode ser exprimida como «uma figura com a cabeça tão inchada

que triplica o seu tamanho». Não existem expressões equivalentes. É uma língua sem sinónimos.

Tal como os relatórios norte-americanos que acabariam por ser publicados me deram os dados acerca do que tinha ocorrido no bombardeiro que lançou a bomba enquanto, lá em baixo, eu esperava a professora na minha carteira, também eu tentei utilizar outros testemunhos para preencher todo o vazio que senti quando abri os olhos no hospital. Tinha a necessidade de saber o que tinha acontecido enquanto estivera inconsciente. Era como se o facto de verificar que a vida tinha continuado a mover-se me devolvesse esses dias que passara sem consciência, quer dizer, morta. Todos os testemunhos pareciam falar também de mim mesma. Uma vez, ouvi uma mulher dizer que os feridos caminhavam por entre os mortos pedindo perdão. Foi também assim que me educaram, a envergonhar-me por me ter salvado. Na imprensa, nos jornais, suprimiram os ideogramas que significam «bombardeamento atómico» e «radioatividade», e o governo evitou a palavra *sobrevivente* por respeito aos mais de 200 mil mortos, diziam. No texto de Hersey, li que *hibakusha* significa «pessoa afetada por uma explosão». Efetivamente, era esse o seu significado, um termo que contornava não só a dor, como também o milagre da sobrevivência. Uma palavra podia mudar tudo: «Pessoa afetada *pela* explosão»; mas dizer «*por uma* explosão» parece referir-se a um estalido qualquer, ao da massa da tempura que, na frigideira, faz saltar o óleo demasiado quente, ou ao de um petardo que, por um descuido ou falha de fabrico, estoura na mão de alguém durante uma festa de aniversário. Mas a bomba não foi um acidente, nem sequer é aceitável dizer que foi uma explosão. Hiroxima foi *a* explosão. Na minha cabeça, construí algumas palavras que incluíam este artigo definido «a» ou que podiam definir melhor essa coisa a que outros chamam *hibakusha*. Concluí que, se tivesse de escolher um nome para nós, escolheria «os que trazemos a bomba dentro de nós»,

dado que a manhã em que um bombardeiro B-29 lançou o *Little Boy* em Hiroxima foi só o início da detonação. Noventa por cento de todo o mal que sofreríamos, nós, os sobreviventes, iria sendo doseado minuto a minuto, mês a mês, ano a ano, emprenhando-nos desse mal que, se fosse abortado, seria só para nos abortarmos com ele. Penso num *Big Bang* invertido que, hora a hora, encolhia (encolhe?) mais um pedaço de universo no meu corpo, para, num dia qualquer, não se sabe quando, finalmente rebentar.

A Convenção de Genebra de 27 de julho de 1929, sobre o tratamento a dar aos prisioneiros de guerra, não foi respeitada pelo Japão. Mas este não foi um facto tão excepcional como a História nos fez crer. É verdade que, ao preferir o suicídio à rendição, o japonês considerava que a dignidade de qualquer prisioneiro, pelo simples facto de querer permanecer vivo, estava abaixo da dignidade de uma ratazana. Mas os Estados que, tendo assinado o tratado, o respeitaram foram realmente uma exceção. O senhor deve saber isso bem. Quando o Jim me contou as condições em que viveu como prisioneiro, eu ainda não sabia que o destino me levaria através do fio fictício dos organismos internacionais ao que interessa para o fim desta história. Como na cantiga infantil, estes tratados apoiam-se sobre uma teia-de-aranha onde se balança um elefante que, ao ver que não cai, vai chamar outro elefante que, por sua vez, ao ver que os dois não caem, vai chamar outro elefante até que a teia, por fim, se rasga por causa do peso de elefantes/Estados tão sobrealimentados como irresponsáveis.

Antes de chegar a Manila para ser embarcado no *Oryoku Maru*, o Jim já tinha sido tristemente vítima do incumprimento da Convenção de Genebra. Foi um dos prisioneiros aliados que os japoneses utilizaram na construção da linha ferroviária da Birmânia que, tal como o *Oryoku Maru*, ganhou por mérito próprio a sua alcunha: «Caminho de Ferro da Morte». As obras tinham começado a 22 de junho de 1942 com mão-de-obra forçada: cerca de

190 mil trabalhadores asiáticos e 55 mil prisioneiros de guerra aliados. Os britânicos já tinham estudado, quando governavam a Birmânia, a possibilidade de construir um caminho-de-ferro que unisse a Tailândia e a Birmânia, mas o terreno era tão difícil que o projeto nem sequer foi iniciado. Foram os japoneses, ao invadirem a Birmânia em 1942, que decidiram iniciar as obras, pois, se queriam fortalecer a sua presença naquela terra, teriam de garantir a chegada de abastecimentos, o que era tremendamente perigoso por uma via marítima exposta aos ataques dos submarinos aliados. Por outro lado, a enorme quantidade de prisioneiros chineses e aliados que foram capturando tornou necessário encontrar uma forma de os manter sob controlo, e a melhor solução foi ocupá-los como escravos naquela obra colossal.

Os primeiros 1414 prisioneiros ocidentais morreram num tempo recorde, que coincidiu com a construção de 415 quilómetros de caminho-de-ferro e oito pontes de aço. Foram os chamados «meses rápidos», não sei se pela rapidez na construção ou nas mortes. Tenho de confirmar alguns destes números nos apontamentos que, como amante fiel de um daqueles prisioneiros, fui tomando ao ler numerosos documentos ao longo da minha relação com o Jim, e também depois. A maior parte dos números, porém, ficaram-me de alguma forma gravados na memória. Imagino que seja outra das incongruências que a guerra provocou em mim: nunca consegui memorizar um número de telefone, mas os dos mortos, sim, esses números sinistros ficaram registados na minha mente com toda a facilidade. Não acredito que a memória me traia nesta contagem. Nem um morto a mais ou a menos, é assim a insuportável exatidão da recordação que a bomba me deixou. A matemática exata de cadáver após cadáver.

Trabalhar num terreno como o da selva birmanesa era extremamente duro. Não foi em vão que o Caminho-de-Ferro da Morte foi considerado o maior campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, pois, basicamente, aquela linha férrea atravessava

quase um país inteiro. Um campo de concentração comprido, muito comprido, e estreito, muito estreito, que ceifou mais de 200 mil vidas e só foi superado no seu poder destrutivo pelo campo de Auschwitz. As condições da selva eram quase tão inclementes como o tratamento dos oficiais japoneses. Jornadas de 16 ou 20 horas sob o calor ou a humidade das monções, mosquitos que transmitiam doenças impossíveis de tratar, serpentes, piolhos, disenteria, desnutrição, torturas, cólera. A selva e o homem combatiam na sua própria guerra: como apropriar-se de mais vidas. Houve também numerosas baixas causadas pelos aviões aliados, incapazes de distinguir os campos onde trabalhava a sua própria gente. Mas, às vezes, a selva e o homem aliavam-se no seu trabalho, a selva emprestava as árvores, os homens traziam ideias: a crucifixão. E esta era, à maneira do império romano, uma forma habitual de tortura, um dos poucos ritos que os japoneses aceitaram da herança ocidental. O Jim disse-me que alguns presos que foram crucificados chegaram a resistir 14 dias até morrer, pois os japoneses davam-lhes comida e água suficientes para lhes prolongarem o martírio. Isto era também uma tortura para os que trabalhavam, ouvindo os gritos de dor dos companheiros.

*

Em Hiroxima, a paz que reinou após a destruição trouxe consigo promessas esperançosas. O senhor compreenderá que eu, sendo ainda uma adolescente ingénua, quisesse partilhá-las. Que longe parece hoje aquela credulidade, aquela capacidade da juventude não já para o perdão, mas para o esquecimento! Suponho que o rancor seja um gene da sobrevivência que responde a mecanismos tão necessários como os da cópula. Um gene que só se ativa com o tempo e de acordo com as circunstâncias. No entanto, os animais vivem sem rancor. Foi só o nosso nível de sofisticação destruidora que implantou em nós esse sentimento que nos permite

não cair na mesma desgraça a que nos levou precisamente a mesma causa que o provocou: a nossa capacidade de extermínio. Desconheço os mistérios da genética. Mas, nalgum momento, nós, os seres humanos, convertemo-nos num absurdo. O nosso genoma é um enxerto de genes negativos que se fundem com os positivos. Não chegámos ainda às duas décadas de idade e já somos incapazes de nos libertar da informação contaminada. Tudo se misturou em nós e não conseguimos isolar o bem nem o mal.

Como estava a dizer-lhe, nós, os mais novos, fomos capazes de dar nova vida a uma certa esperança. Quando a guerra terminou, foram selecionadas 25 raparigas para irem para os Estados Unidos e serem submetidas a uma série de operações de cirurgia estética, cujo objetivo era atenuar as marcas da bomba. Ficaram conhecidas como «donzelas de Hiroxima». Invejei-as. Pela televisão, acompanhava-lhes todos os passos, via-as sair do avião, tímidas, cabisbaixas, sendo recebidas com ramos de flores no país que tentaria reconstruir-lhes os sorrisos que ele mesmo havia desfigurado. Eu queria fazer parte daquela seleção, mas, por razões que mais adiante revelarei, nunca seria admitida. No entanto, as imagens das 25 donzelas levaram-me a iniciar alguns anos de poupanças. Comecei a guardar todo o dinheiro que me davam e, quando tive idade para trabalhar, empreguei-me todas as horas que me permitiram, pensando sempre nas operações que mais tarde eu própria poderia custear. Algumas mudanças fundamentais na minha cara e, sobretudo, a reconstituição do meu sexo.

Tantos anos depois, ainda conservo algumas das minhas cicatrizes. O senhor poderá vê-las quando eu me entregar. Mostro-lhas sem maquilhagem. Como, por exemplo, o que loide avermelhado que ocupa uma das minhas faces, que é como que resinoso ao tato e tem a forma do continente africano. A bomba deixou-me a África marcada no rosto. Quem haveria de dizer que esse continente, no qual eu nunca tinha pensado, uma terra radicalmente diferente daquela onde nasci, se converteria no lugar onde depositei,

durante tanto tempo, a esperança do Jim, e também a minha. A África na minha cara, sim, e, dentro do seu contorno, eu própria encerrada no meu rosto, refugiada nesta cabana que alguém me cedeu enquanto escrevo aquilo que é o meu último testemunho.

Ao princípio, a cicatriz, tão visível, só me causou problemas. No Japão, estas cicatrizes foram, durante muito tempo, inconfundíveis. Por causa delas, e porque os outros temiam as sequelas do mal atômico, nós, os sobreviventes, começamos a ser excluídos. Não encontrávamos trabalho, e as agências de casamentos, que, naquela altura, arranjavam muitos dos casamentos, começaram a rejeitar os sobreviventes que procuravam cônjuge, pois era tido por garantido que os nossos filhos nasceriam com malformações. Lembro-me da minha prima grávida. A barriga dela, em vez de crescer, começou a diminuir a partir do sexto mês. O ventre, como que arrependido, retrocedia nos seus passos, do feto ao esperma, para alcançar a saudosa forma plana prévia à gestação.

*

Acabara de fazer 15 anos quando, adotada por uma família, atreui no país invasor, como se eu e a bomba fôssemos dois braços do mesmo *boomerang* que regressa à mão que o lançou. Na nova escola, os meus colegas queriam ser futebolistas, astronautas, professores. Eu só queria ser avó, porque os médicos sempre me disseram que a radiação acabaria por se manifestar mais cedo do que tarde. Além das operações estéticas voluntárias, sofri muitas outras obrigatórias, operações decisivas para a vida ou para a morte, e ainda hoje continuo a acolher novas doenças. Aprendi a abrir-lhes a porta em silêncio, com uma chávena de chá, tranquila como se cada uma delas fosse a última. Todas as doenças foram sempre bem recebidas por mim, exceto uma: a incapacidade de procriar, essa falta que ocupava o meu ventre como uma presença, como um filho atômico de cuja perda qualquer

um se pode apropriar. Uma perda tão real como a quantidade de ferro que eu perdia em cada período, aquela menstruação que depressa desapareceria para voltar ao fim de anos, sem que os médicos tivessem explicação nem para uma coisa, nem para a outra. Uma perda, a do filho negado, que me aparecia entre as pernas; ou numas cuecas sem rasto de sangue durante meses ou anos, ou num penso encharcado e vermelho, que eu atirava para esse esgoto estígio por onde desaparecem tanto os mortos como os não nascidos.

Esta ausência foi o terreno propício para que, quando conheci o Jim, crescesse em mim o sentimento de maternidade, pois a procura da filha dele preencheu a ausência do meu filho. Apropriei-me da menina como se fosse minha. Absorvia os dados que o Jim me dava e arquivava-os na minha memória como se eu mesma os tivesse vivido. Desta maneira, embora não a conhecesse, recordava-a, e esta recordação era como uma ventosa na parede frontal do meu cérebro que sugava a recordação da filha do Jim — a minha filha — e a sustinha da mesma forma que as ventosas das patas de uma osga a seguram à parede para que não caia: o vácuo. Durante muito tempo, foi a única coisa que tive. O vácuo.

«Concluí que, se tivesse de escolher um nome para nós, escolheria "os que trazemos a bomba dentro de nós", dado que a manhã em que um bombardeiro B-29 lançou o *Little Boy* em Hiroxima foi só o início da detonação. Noventa por cento de todo o mal que sofreríamos, nós, os sobreviventes, iria sendo doseado minuto a minuto, mês a mês, ano a ano, emprenhando-nos desse mal que, se fosse abortado, seria só para nos abortarmos com ele.»

Yoro é uma odisseia assombrosa pelos lugares mais profundos e negros da mente humana. Ecoando *Dom Quixote*, Wim Wenders e Herzog na sua tensão narrativa, este romance é a busca de uma mulher por identidade, justiça, compaixão e maternidade.

H, a narradora e protagonista, confessa um crime nas primeiras páginas. E, em tom desafiante, continua, pedindo ao leitor que se atreva a ler a sua história, a sua confissão. H nasce em 1945, no momento da explosão da *Little Boy* sobre Hiroxima. Anos depois, H conhece Jim, um soldado norte-americano que procura, desde a guerra, uma criança que lhe foi entregue e depois retirada: Yoro. Apaixonados, percorrem o mundo seguindo as mais ténues pistas, até que, na viagem final, a verdade — complexa e perturbadora — revela o crime de H e a sua razão.

Torrencial, cru, pendendo entre polos opostos — amor e desespero, encontro e confusão, descoberta e prisão —, Yoro carrega nas suas páginas o caos pós-Segunda Guerra Mundial, o encontro frontal com a sexualidade e o mundo, a violência da linguagem e da lógica.

«Ler Yoro é como observar o espetáculo do fim do mundo e ver os quatro cantos de um universo onde os níveis de realidade se confundem.»

María José Obiol, *El País*, *Babelia*

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8849-77-9



9 789898 849779

Literatura Traduzida

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT